

Ministro propõe aumentar ano letivo para 200 dias

BRASÍLIA — O ministro da Educação, Carlos Sant'Anna, enviou a todos os dirigentes do Ministério da Educação (MEC) a redação final do novo Projeto-de-Lei de Diretrizes e Bases, que aumenta para 200 dias obrigatórios o ano letivo (atualmente são 180 dias). A decisão foi tomada pela Comissão de Redação e os dirigentes do ministério têm até amanhã para sugerir mudanças. A expectativa é de que seja mantida a exigência de 200 dias letivos.

“É uma tentativa de buscar a melhor qualidade do ensino”, explicou o presidente do Conselho Federal de Educação (CFE), Gay da Fonseca, que apoia a medida. Fonseca não sabe se o maior número de dias letivos conduzirá necessariamente a uma melhor qualidade didática, mas acredita que seja o objetivo do MEC. “É suposto que esse tempo a mais seja usado na educação”, diz.

O próprio CFE já enviou um projeto semelhante à Comissão de Educação e Cultura do Congresso Nacional, onde propõe os 200 dias letivos. O projeto definitivo do MEC será remetido à mesma comissão pelo ministro Carlos Sant'Anna no dia 8 de junho.

No Rio, o presidente da Associação Nacional de Pesquisa em Educação (Anped), Osmar Fávero, defende que para aumentar a qualidade do ensino é preciso aumentar também a quanti-

dade de aulas, em posição oposta a de alguns professores, que afirmaram em reportagem publicada domingo no **JORNAL DO BRASIL**, ser necessário melhorar as condições de funcionamento da escola pública para, depois, pensar em mais carga horária.

“Sem mais dias e sem mais horas de aulas não há como ter um conteúdo melhor”, afirma Fávero. Para a nova Lei de Diretrizes e Bases, a ser votada este ano, a Anped propõe um ano letivo com o mínimo de 200 dias e quatro horas diárias de aulas, com sessenta minutos de duração, fora o intervalo para o recreio. Fávero explica que as escolas, a rigor, só oferecem cerca de três horas diárias de aulas em três turnos. Com quatro horas, analisa, a possibilidade de se oferecerem os três turnos, durante o dia, continua mas “regularizados mais honestamente”.

O professor Edgar Flecha Ribeiro, dono do colégio Andrews, também acha que se estuda pouco no Brasil e defende que se ofereça ao estudante “o maior tempo possível de exposição à escola”. Para ele, se há mais aulas, um colégio ruim pode ficar melhor. “O ensino está ruim mas não a ponto de tornar a escola nociva ao aluno, para querermos que ele fique pouco tempo dentro dela. Muito pelo contrário”, analisa.